

Cotas para PCDs completam um ano na Universidade Estadual de Ponta Grossa

Realidade de universitários com deficiência é diferente da inclusão visada no vestibular

Por Victor Schinato

Crédito: Victor Schinato

A Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG) abriu inscrições para o vestibular de 2023, completando o primeiro ciclo da política de cotas para o ingresso de pessoas com deficiência (PCD) no ensino superior. A medida foi implementada em 2022, quando cerca de 30 pessoas foram aprovadas pelas cotas. A portaria publicada nos sites da UEPG afirma que 5% das vagas serão reservadas para vestibulandos com deficiência.

Guilherme da Rocha, estudante do curso de Medicina dentro do espectro autista, comenta que, por mais que os professores estejam abertos ao diálogo, todo o processo ainda é muito inicial e alguns mantêm mentalidade capacitista. “Por experiência no meu curso, tudo é muito rígido ainda. Infelizmente, a maioria não está preparada, mas, felizmente, a maioria está tentando aprender”, relata Guilherme.

Meirielli da Luz, aluna do primeiro ano de Administração, também ingressou pela cota destinada a pessoas com deficiência. A estudante afirma que a acessibilidade na universidade poderia ser avaliada em apenas 40% do ideal de funcionalidade. Isso se deve ao

fato de que muitas vezes os professores não possuem capacitação necessária para lecionar de maneira inclusiva, o que torna a permanência de acadêmicos com deficiência difícil e impede a universidade de ser considerada plenamente acessível.

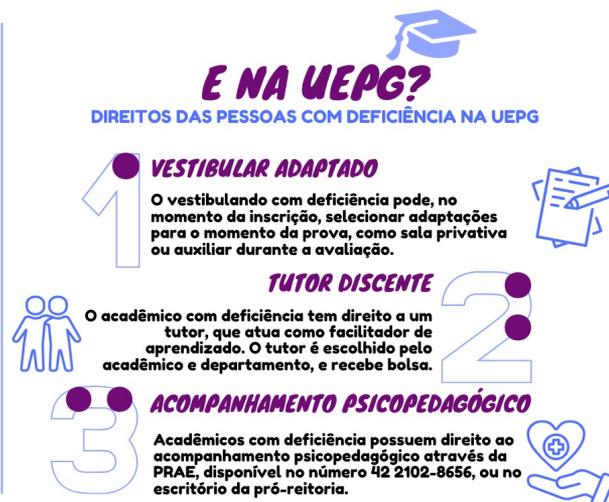
Ambos os acadêmicos relatam experiências de capacitismo, sejam elas advindas de preconceito estrutural ou abertamente discriminatórias, praticadas por professores ou acadêmicos. “Na hora dos trabalhos em grupo, eu me via sendo muito deixada de lado”, conta Meirielli. Enquanto isso, Guilherme afirma que o preconceito vem desde o início de sua vida escolar e não chegou ao fim com o ensino superior, sendo até hoje intimidado por seus stims (movimentos repetitivos utilizados como ferramenta de

regulação sensorial), mesmo em sala de aula.

Mesmo com a presença de cotas, segundo os entrevistados, há outras medidas que precisam ser adotadas. A instituição, por exemplo, não possui estrutura acessível e que, principalmente para pessoas com deficiência motora, a experiência universitária pode ser complicada pela falta de planejamento. Guilhermemenciona que, muitas vezes, os elevadores disponibilizados para o acesso de PCD's são utilizados apenas como elevadores de serviço para facilitar a carga e descarga de materiais. Outro ponto levantado é o acesso à quadra de esportes no bloco G que conta com uma porta estreita direcionada a uma escada bem inclinada.

Em relação à estrutura não-acessível, Iomara Favoretto, pedagoga da PRAE, re-

conhece a existência do problema. “A Proplan [Pró-Reitoria de Planejamento] está com a demanda que encaminhamos. Estamos analisando as questões referentes à acessibilidade arquitetônica da universidade como um todo. Ela já encaminhou um projeto, mas é um projeto devagar, porque envolve mudanças muito radicais.”. Iomara afirma também, que um levantamento dos locais mais precários é feito antes do processo ser encaminhado. Quanto aos problemas docentes, levantados por Guilherme e Meirielli, Iomara diz que os professores recebem instruções de buscarem a Prae para aconselhamento em casos específicos, mas que é uma questão direcionada principalmente ao posicionamento do colegiado de cada curso.



EAIC da UEPG reúne mais de 510 pesquisas

Por Iolanda Lima

A Universidade Estadual de Ponta Grossa sediou, entre os dias 24 a 26 de outubro, o 32º Encontro Anual de Iniciação Científica e o 9º Encontro Anual de Iniciação Científica Júnior. Este ano foram 800 inscritos e 514 trabalhos apresentados por estudantes. O evento teve como objetivo divulgar e integrar as pesquisas de diferentes áreas do conhecimento.

Os graduandos são vinculados por meio de bolsas com o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), Fundação Araucária e UEPG. Já os alunos do Encontro Júnior são de for-

ma voluntária. Segundo a UEPG, mais de 2000 pessoas, entre ouvintes, coordenadores, monitores, avaliadores e orientadores, passaram pelas instalações da universidade para acompanhar as apresentações.

Nelba Pisacco, professora da UEPG do departamento de Educação, foi uma das coordenadoras de sessão durante o evento. Para ela, as pesquisas melhoraram progressivamente e apresentam maior diversidade de temas. “A gente viu uma participação maior nas salas, que estão cheias. Para os orientadores e discentes que viram outros temas, outros alunos discutindo e se interessando, perce-

be-se que os eventos contribuíram para a percepção de novos pontos que podem colaborar para a pesquisa e para a evolução dos seus trabalhos”, afirma Nelba.

Durante as apresentações, os acadêmicos têm 10 minutos para apresentar seu trabalho, os objetivos, a metodologia utilizada, o processo de pesquisa, os resultados encontrados e as conclusões finais. Para a estudante de licenciatura em História, Thaís Ribeiro, o tempo não é suficiente para resumir uma pesquisa construída ao longo de um ano, mas ressalta a importância do evento para a comunidade acadê-

mica. “Acho que a pesquisa é ótima para nossa formação, enquanto graduanda em licenciatura, é muito importante que eu entenda essa ponte que existe entre ser professora e pesquisadora”, relata.

A primeira edição do evento ocorreu em 1991 na Universidade Estadual de Maringá. Anteriormente, o encontro era realizado em conjunto com as outras universidades estaduais, como a Unioeste e Unicentro. No entanto, ao longo do tempo o evento cresceu e precisou ser desmembrado. A próxima edição está programada para os dias 5, 6 e 7 de novembro de 2024.